

Política

SUCESSÃO

Certas mesmo, são 282 assinaturas. Mas podem chegar a 310, segundo previsão de Matheus Iansen, que leva hoje à Constituinte sua emenda coletiva defendendo os cinco anos de mandato.

Uma nova esperança para Sarney

A partir do momento em que o presidente Sarney desistiu de se envolver diretamente na questão da duração de seu mandato, cumprindo a promessa de deixar a decisão para a Constituinte, aumentaram suas chances de permanecer cinco anos no poder. O próprio Sarney reconhece isso, segundo relato do presidente do Senado, Humberto Lucena, depois de uma audiência no Planalto. De fato, as 282 assinaturas que o deputado Matheus Iansen (PMDB-PR) já tinha reunido até ontem, para formalizar sua emenda propondo o mandato de cinco anos, podem ser interpretadas como um indicio de que alguma coisa mudou, na opinião de alguns congressistas.

"É preciso ver para que lado estará pendendo a gangorra no dia da votação", ponderou ontem o ex-governador Franco Montoro, diante dos números. "As 282 assinaturas podem não corresponder 282 votos", concordou o presidente da Assembléia, Ulysses Guimarães. Sua experiência, segundo ele, demonstra que são comuns os casos em que o número de votos obtidos não é igual ao das assinaturas recolhidas. "A experiência da Casa é essa", observou.

Matheus Iansen, porém, não é da mesma opinião. Está em seu primeiro mandato, mas já se convenceu de que sua tese não vai falhar. "Suei a camisa para conseguir as assinaturas, que podem chegar a 310, e acho que valeu a pena", diz. A favor de sua proposta ele acredita que pode contar com a morosidade dos trabalhos no plenário: "A nova Carta só deverá estar concluída entre junho e julho — e este único ponto já tornaria as eleições deste ano inviáveis".

O presidente Sarney também aposta nessa possibilidade, segundo teria confidenciado ao senador Lucena. "A demora da Constituinte em ultimar os trabalhos seria, do ponto de vista cronológico, um fator a mais de relevância, a desaconselhar as eleições este ano", disse Lucena. Ao chanceler Abreu Sodré, que Sarney também recebeu ontem no Planalto, ele repetiu as mesmas considerações — e com uma observação a mais: de que confia na manutenção do presidencialismo.

Essa confiança de Sarney teve origem certamente depois de uma audiência, ainda ontem, com os deputados Bonifácio Andradá (PDS-MG), Cid Carvalho (PMDB-MA) e Manoel Moreira (PMDB-SP), que levaram a ele uma proposta de entendimento entre parlamentarismo e presidencialismo, através do sistema mitigado. Se for aprovada a proposta, a figura do primeiro-ministro é escolhida pelo presidente para então ser submetida ao Congresso, que só pode rejeitar nas duas primeiras indicações. Além disso, o Congresso poderá apresentar duas moções de censura contra o primeiro-ministro a cada ano legislativo.

A proposta é de autoria de Manoel Moreira, mas os parlamentares disseram que a iniciativa não deve ser confundida como um movimento do Centrão, que não trata do sistema de governo.



Newton com empresários: apetite voraz...

O governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, participou ontem de um almoço na Associação Comercial do Rio de Janeiro falando como candidato a presidente da República (embora negando essa condição) e fazendo veemente defesa de mandato de cinco anos para o presidente José Sarney (embora não convencesse a maioria dos empresários presentes).

Cardoso garantiu que a maioria dos governadores é pelos cinco anos, inclusive o de São Paulo, Orestes Quércia, que, segundo ele, "tinha condições de sustar a emenda do deputado Matheus Iansen (PMDB-PR) com seus amigos, se quisesse, mas ele não sustou e sim ajudou essa emenda dos cinco anos".

Partidários de Newton, como o deputado Milton Reis, faziam questão de acentuar a "força" de sua candidatura entre os empresários, mas ao final do almoço o empresário Antônio Ermírio de Moraes ganhou disparado uma pesquisa realizada entre os presentes. Newton teve 6 votos (Ermírio 40), justamente o mesmo número de pessoas que compunha a mesa formada por seus assessores.

Mesmo assim, Newton ria quando lhe perguntavam se não estaria tentando desde já construir as bases de sua candidatura, enquanto prometia "muito mais obras magnânimas em 1988" e louvava os cinco anos de mandato como uma "tradição republicana". Ao ser questionado sobre a opinião popular favorável aos quatro anos para Sarney, segundo as pesquisas, Newton respondeu não crer nelas: "O povo quer saber de comida, transporte, saúde pública. E isso é o problema de um governo, pelo menos de Minas sim".

No Nordeste, segundo o governador mineiro, só os governadores da Bahia, Waldir Pires, e de Pernambuco, Miguel Arraes, são pelos quatro anos. E mais: para ele, uma eleição este ano atrapalharia a todos, muito

Newton com os empresários: uma defesa dos cinco anos.

mais ao PMDB: "Nós, governadores, temos meses de governo e não temos obras para apresentar para os eleitores ainda" — penitenciou-se, para acrescentar: "Eu, graças a Deus, já tenho uma".

Anunciou também que o presidente da Constituinte, do PMDB e da Câmara, deputado Ulysses Guimarães, vai a Minas amanhã para discutir a questão do mandato e tratar da candidatura do PMDB à sucessão de Sarney. Newton aproveitou para apontar o grande erro de Sarney, segundo sua visão, que foi não ter "enxugado" a máquina administrativa. E deu exemplos: "Existem empresas, como a que construiu a ponte Rio-Niterói, que já deveriam ter deixado de existir há bastante tempo. É preciso acabar com o empreguismo e tornar o Estado investidor".

Embora Newton tenha garantido que a maioria dos governadores é pelos cinco anos de mandato para Sarney, organizadores da reunião de governadores marcada para o dia 19 próximo, em Belo Horizonte, explicaram que ela foi adiada para o dia 28 em função das dificuldades de conseguir a participação do grupo que defende o man-

dato de quatro anos, já que o anfitrião, Cardoso, é pelos cinco.

O governador, no entanto, deu outra explicação: disse que não haveria tempo para organizar a reunião para o dia 19. Segundo Newton, os governadores rediscutirão a questão do mandato e a "carta do Rio de Janeiro", elaborada no ano passado: "Se a 'carta do Rio' estiver valendo ainda, vamos continuar pelos cinco anos. Se não, mudamos", observou.

Na mesma pesquisa realizada durante o almoço com os empresários, entre 92 votos a metade foi para os quatro anos de mandato para Sarney; 35 votos para os cinco anos; dez votos para seis anos de mandato; e um voto em branco.

Newton Cardoso ainda encontrou-se com o governador do Rio, Moreira Franco, mas também não conseguiu convencê-lo a apoiar os cinco anos para Sarney. O tema também foi debatido pela bancada federal do PMDB goiano em reunião, em Brasília, com o governador de Goiás, Henrique Santillo, decidindo-se pelo apoio aos cinco anos.

Em Porto Alegre, no entanto, o senador Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB na Constituinte, saiu de uma reunião com o governador gaúcho Pedro Simon, o vice, Synval Guazelli, e o deputado Antônio Brito (PMDB-RS), com o "palpite" de que Simon acabará apoiando a tese dos quatro anos, embora o próprio Simon negasse essa tendência, em entrevista separada, afirmando que não tentará influenciar a bancada gaúcha do PMDB sobre essa questão.

Na entrevista, Fernando Henrique fez duros ataques ao governo, que segundo ele, "já deixou o PMDB", abandonou várias teses do partido e está adotando um sistema de "clientelismo, malufismo", do qual "o ministro Priscó Viana é um exemplo". Para o senador, "Sarney está criando um clube de amigos".

Presidente da Bolsa investe em Alvaro Dias

O presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), Eduardo Rocha Azevedo, admitiu ontem, em Curitiba, que pode comandar um trabalho de articulação do nome do governador do Paraná, Alvaro Dias, como candidato da iniciativa privada à Presidência da República. Azevedo disse que "Alvaro é o governador mais esclarecido do País" e "ele tem o perfil ideal para um presidente da República".



Alvaro Dias

"Se puder, e o governador quiser, vou articular em nome dele junto à classe empresarial", garantiu Azevedo, logo depois de almoçar com o governador no Palácio Iguacu, sede do governo do Paraná. O presidente da Bovespa disse que foi ao Paraná para pedir o apoio de Dias visando a pressionar o governo federal a acelerar a regulamentação do projeto de conversão de dívida externa em capital de risco, mas saiu apoiando Dias: "Acho que ele é o melhor candidato entre os que apareceram, apesar de não ter a força política necessária".

Eduardo Azevedo admitiu também que já está em campanha pelo governador paranaense. Segundo ele, o nome de Dias sempre consta dos pronunciamentos que faz em várias cidades do Brasil, toda semana. "Ele representa a modernidade", afirmou. Para o presidente da Bolsa de São Paulo, Dias tem as qualidades necessárias para sensibilizar a população: "É popular sem ser populista, está fazendo uma administração boa, mesmo com poucos recursos, foi o único que apurou casos de corrupção e prendeu os corruptos e é o único com autoridade para realizar os cortes nos gastos públicos que o País precisa".

Com muitos compromissos em sua agenda, o governador do Paraná não conversou com a imprensa ontem. Mas, embora favorável às eleições apenas em 1989, já revelou anteriormente que gostaria de ser candidato, mas admite não ter chance de ser indicado pelo PMDB. O seu novo cabo eleitoral defendeu eleições gerais em 1988: "Prefiro quatro anos de mandato para o Brizola do que mais um ano de um governo que não é mais governo", afirmou Azevedo.